

AUTORIA FEMININA: A CRÔNICA NO ESPAÇO DIGITAL

AUTORÍA FEMENINA: LA CRÓNICA EN EL ESPACIO DIGITAL

FEMALE AUTHORSHIP: THE CHRONICLE IN THE DIGITAL SPACE



Andriele Aparecida HEUPA¹
e-mail: andrieleheupa@gmail.com



Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA²
e-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

HEUPA, Andriele Aparecida; TEIXEIRA, Níncia Cecília Borges. Autoria Feminina: a crônica no espaço digital. **Rev. de Letras**, Araraquara, v. 64, n. 00, e025008, 2025. e-ISSN: 1981-7886



| **Submetido em:** 10/07/2024
| **Revisões requeridas em:** 15/10/2024
| **Aprovado em:** 05/05/2025
| **Publicado em:** 28/12/2025

Editora: Profa. Dra. Claudia Fernanda de Campos Mauro

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava – Paraná – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO.

² Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava – Paraná – Brasil. Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO.

RESUMO: As crônicas surgem no jornal impresso e refletem sobre os acontecimentos do cotidiano a partir da combinação entre jornalismo e literatura. Com o passar dos anos, esse gênero se popularizou também nas plataformas digitais. Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar algumas crônicas escritas por Giovana Madalosso, disponíveis nos sites do *Jornal Rascunho* e da *Folha de S.Paulo*. Pretendemos refletir sobre os temas abordados e, em alguns casos, mencionar os comentários feitos pelos leitores, tendo em vista que o meio digital possibilita essa interação direta do público com o conteúdo apresentado. O referencial teórico é composto pelos textos de Dalcastagnè (2012) e Woolf (2014), que tratam da autoria feminina, e Candido (1992), Siebert (2014) e Garcia (2020), que abordam o gênero crônica.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica de autoria feminina. Texto digital. Giovana Madalosso.

RESUMEN: *Las crónicas surgen en la prensa escrita y reflexionan sobre los acontecimientos cotidianos a partir de la articulación entre periodismo y literatura. Con el paso de los años, este género también se consolidó en las plataformas digitales. En este contexto, el objetivo de este artículo es analizar algunas crónicas escritas por Giovana Madalosso, disponibles en los sitios web del Jornal Rascunho y de la Folha de S.Paulo. Se propone reflexionar sobre los temas abordados y, en ciertos casos, mencionar los comentarios realizados por los lectores, considerando que el entorno digital permite esta interacción directa del público con el contenido. El marco teórico se basa en los aportes de Dalcastagnè (2012) y Woolf (2014), sobre autoría femenina, y de Candido (1992), Siebert (2014) y Garcia (2020), acerca del género crónica.*

PALABRAS CLAVE: *Crónica de autoría femenina. Texto digital. Giovana Madalosso.*

ABSTRACT: *Chronicles appear in printed newspapers and reflect on everyday events through a combination of journalism and literature. Over the years, this genre has also become popular on digital platforms. With this in mind, the aim of this article is to analyze some chronicles written by Giovana Madalosso that are available on the websites of Jornal Rascunho and Folha de S. Paulo. Our aim is to reflect on the themes covered and, in some cases, mention the comments made by readers, given that the digital medium enables this direct interaction between the public and the content presented. The theoretical framework consists of texts by Dalcastagnè (2012) and Woolf (2014) on female authorship, and Candido (1992), Siebert (2014) and Garcia (2020) on the chronicle genre.*

KEYWORDS: *Chronicle by female authors. Digital text. Giovana Madalosso.*

Introdução

De acordo com Antonio Candido, em seu famoso texto “A vida ao rés-do-chão” (1992), a crônica é considerada um gênero menor em relação aos romances, textos dramáticos e poéticos. O autor afirma que essa característica é positiva e nos aproxima da crônica: “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (Candido, 1992, p. 13).

Com linguagem mais simples e aparência de conversa fiada, as crônicas “não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social” (Candido, 1992, p. 19). Esse gênero também pode ser considerado brasileiro:

No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias [...]. Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje (Candido, 1992, p. 15).

A crônica muitas vezes é caracterizada como um gênero híbrido, tendo em vista que articula discursivamente as esferas do jornalismo e da literatura: “enquanto de um lado trabalha-se com o tempo, com o cotidiano que são marcas próprias dos discursos jornalístico e histórico, por outro lado mobiliza a fabulação da criação ficcional e poética do discurso da literatura” (Siebert, 2014, p. 681).

Candido (1992, p. 14) classifica a crônica como uma produção efêmera: “Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa”. Entretanto, às vezes, ela pode passar do jornal impresso para o livro e assim ganhar certa durabilidade.

Na atualidade, muitas crônicas também estão disponíveis no meio digital, seja em sites ou em redes sociais. De acordo com Garcia (2020), os jornais, as revistas e os livros buscam sobreviver a partir da adaptação de suas versões impressas para as mídias digitais. Esse é o caso das crônicas que são objeto de estudo neste artigo. Giovana Madalosso publicou algumas

crônicas³ no *Jornal Rascunho*⁴ e escreve semanalmente para a *Folha de S. Paulo*⁵. Os dois jornais contam com versão impressa e digital. A autora também compartilha trechos de suas crônicas nas redes sociais.

O objetivo deste artigo é analisar algumas crônicas escritas por Giovana Madalosso, refletindo sobre os temas abordados e, em alguns casos, mencionando os comentários feitos pelos leitores, tendo em vista que o meio digital possibilita essa interação direta⁶ do público com o conteúdo apresentado.

Giovana Madalosso cronista

Enfrentando os desafios do mundo editorial, que muitas vezes exclui as produções de mulheres (Dalcastagnè, 2012), Giovana Madalosso desponta como contista, romancista e cronista. E ela não está sozinha. A autora publica seus textos e incentiva outras mulheres a fazerem o mesmo, pois é uma das idealizadoras do movimento “Um Grande Dia para as Escritoras”, que se espalhou pelo Brasil a partir de junho de 2022, convocando escritoras de todo o país a se apresentarem e a tirarem fotografias históricas.

Nesse contexto, as fotos foram um convite para muitas baterem no peito com seus livros em punho, com seus manuscritos em punho ou mesmo com seus bloqueios criativos em punho e dizerem para si e para o mundo: sou escritora! (Madalosso, 2023a).

Giovana aborda muitas questões relacionadas às mulheres. Um exemplo é a crônica “Sejamos todos vagabundas”, em que comenta sobre um homem que chamou uma mulher de “vagabunda”. Entre outros aspectos, a autora problematiza as definições dessa palavra em comparação com o mesmo termo na forma masculina:

O que ele quis dizer com vagabunda? Até um bebê brasileiro tem certa noção, mas vamos ao Aurélio. “Vagabunda [Fem. De vagabundo] 1. Zool. Formiga ponerínea (*Pachycondylus striata*). 2. Gír. V piranha.” Estaria o sujeito com quem cruzei na rua chamando a mulher de formiga? Vai, *Pachycondylus*

³ Chamamos esses textos de “crônicas” com base nas definições que buscam caracterizar esse gênero discursivo.

⁴ Disponível em: <https://rascunho.com.br/categoria/cronistas/giovana-madalosso/page/2/>. Acesso em 05 dez. 2023.

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/giovana-madalosso/>. Acesso em 05 dez. 2023.

⁶ As cartas de leitor também possibilitam que o público comente sobre o conteúdo apresentado, mas requerem maior elaboração. Nos comentários, os leitores costumam interagir mais, provavelmente por seu caráter mais informal.

striata! Dificilmente. O xingamento está mais para o segundo sentido da palavra, que nem o próprio Aurélio teve coragem de definir, apelando para um sinônimo. Vou dar uma força para o linguista: 3. mulher que transa com muitas pessoas (Madalosso, 2023b).

Por outro lado, o verbete “vagabundo” está definido da seguinte maneira; “[Do lat. Tard. *Vagabundu.*] Adj. 1. Que leva uma vida errante; que vagueia; vagabundo, vadio, errante, nômade, andejo, mundeiro [...]” (Madalosso, 2023b.). Uma das ponderações que Giovana faz é que, na definição no masculino, não se menciona a vida sexual do sujeito e o termo não tem a mesma carga semântica e valor pejorativo. Além disso, ela destaca que “em tempos de produtividade compulsiva, acho a ideia de vagar a esmo maravilhosa”, mas lamenta que essa acepção não conste no vocábulo feminino (Madalosso, 2023b).

É interessante salientar a relação do termo “vagabundo” com o ato de escrever crônicas. Esse vocábulo se aproxima da acepção de *flâneur*, “que basicamente significa ‘andarilho’, ‘ocioso’, ‘passeador’, ‘vadio’ – que vem do verbo francês ‘flanêr’, que significa ‘passar’”⁷. O *flâneur* é o indivíduo que se demora na observação atenta de cenas urbanas (Benjamin, 2015). O termo foi criado por Charles Baudelaire e faz referência “a alguém que observa a cidade ou seus arredores, e experimenta um verdadeiro passeio não só fisicamente, mas também um pensamento filosófico e uma forma de ver e sentir as coisas”⁸. Esse também é o trabalho do cronista, pois analisa as cenas do cotidiano urbano e escreve a partir delas.

A cidade de São Paulo foi personagem de alguns textos de Giovana Madalosso e muito importante em seu primeiro romance: “Sim, eu e São Paulo fomos felizes. Tão felizes que até escrevi um livro para ela, o *Tudo pode ser roubado*” (Madalosso, 2020a). A escritora é paranaense, mas saiu de sua terra natal e foi morar em São Paulo aos vinte e cinco anos:

Fui flechada em 1999. A paixão não foi cega. Na época eu já enxergava seus defeitos. São Paulo era feia, caótica, pálida. Nada que me importasse naquele momento. O apaixonado é míope, e onde o cidadão comum via concreto eu via modernismo, onde via pobreza eu via chance de crescimento, onde via tumulto eu via efervescência. Estava com vinte e cinco anos e queria esquadrihar cada esquina, janela, porta desconhecida (Madalosso, 2020a).

Giovana Madalosso escreve desde assunto mais “banais”, como as poesias nas portas de banheiros, até assuntos gravíssimos, como a crise climática. Entretanto, mesmo falando de

⁷ Disponível em: <http://www.observatorioculturaecidade.ufscar.br/acervo/resenhas/flaneurismo-2/>. Acesso em 12 jan. 2023.

⁸ Disponível em: <http://www.observatorioculturaecidade.ufscar.br/acervo/resenhas/flaneurismo-2/>. Acesso em 12 jan. 2023.

coisas que aparentemente não têm muita importância, ela consegue suscitar reflexões. Na primeira crônica mencionada, ela comenta sobre as inscrições em portas de banheiros e um dos pontos em que aborda é que essa poesia vai contra a lógica capitalista do lucro.

Já apontam alguns donos de porta que, de uns anos para cá, a produção artística vem decaindo. Muitos poetas do gênero, tomados por uma nova e avassaladora incontinência verbal, acabam soltando os versos nas redes sociais antes de chegar ao W.C. [...]. Ser um poeta de porta de banheiro é fazer *marketing* direto sem vender nada. É dar sem esperar retorno (Madalosso, 2023c).

Um tema bastante discutido por Madalosso é a crise climática. Ela é diretora da plataforma *Fervura*⁹, que atua nessa questão, e também escreve bastante sobre o assunto. Quando estava acontecendo a COP28, conferência do clima da Organização das Nações Unidas (ONU), em dezembro de 2023, a autora publicou:

Você deve estar pensando: quem somos nós para frear essas máquinas? Nós somos bilhões. Pais, mães, pessoas que amam outras pessoas. Acho artilosa a tentativa de jogar nas costas do cidadão a responsabilidade pelo desastre climático, quando quem mais tem que atuar são governos e corporações, mas, infelizmente, ambos estão inflados de outros interesses. Sobra para a sociedade botar pressão - no caso do Brasil, impedir a exploração de mais petróleo, como em Macaé e na Foz do Amazonas e seus arredores (será que é mesmo o caso de entrar para a Opep+, presidente?). No âmbito mundial: pedir por justiça climática, já que hoje os 1% mais ricos do planeta emitem mais carbono que os 66% mais pobres (Madalosso, 2023d).

Outro episódio comentado pela escritora foi a detenção da ativista ambiental Greta Thunberg no dia 17 de outubro de 2023. Ela e outros manifestantes protestavam em Londres, onde acontecia o “*Energy Intelligence Forum*”, encontro de executivos da indústria de petróleo e gás.

A imagem de uma das maiores ativistas do clima sendo detida passa um recado perverso para outros jovens e conveniente para alguns governos e corporações: não mexam com fogo. Ou, mais precisamente, não mexam com a fogueira onde a geração de vocês ainda há de arder. (Madalosso, 2023e).

Ao ser publicada na plataforma digital do Jornal *Folha de S. Paulo*, alguns leitores expressaram suas opiniões, concordando ou discordando do texto, tecendo críticas ou elogios à

⁹ Disponível em: <https://fervuranoclima.com.br/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

Giovana Madalosso e à Greta Thunberg. Estão disponíveis¹⁰ alguns comentários depreciativos como: “Essa Greta é uma baita ‘esperta’... arrumou um jeito de ganhar a vida enchendo o saco com manifestações políticas....”; “Acho que o tempo das Gretas da vida está chegando ao fim. O protestar por protestar, o protesto como profissão está caindo no vazio”; “[...] Greta ganha com a própria detenção. É verdade: ela ganha likes, interações, vira capa de jornal, soma pontos para no final do ano ser declarada uma das jovens mais influentes do planeta”; “Inacreditável essa moça [Giovana Madalosso]. A gente procura algum sinal de ironia, duvidando que se possa escrever tanta besteira semanalmente, seria uma trollagem? Mas aparentemente ela se leva a sério mesmo”.

Alguns leitores comentam suas opiniões sobre o tema e poucos tecem elogios: “Venho mais uma vez estou aqui para parabenizar a nossa grande ativista: Greta! Pois sou um grande admirador da sua luta na defesa da nossa mãe terra! Por isso estamos juntos nessa grande empreitada pelo bem do planeta!”. Dessa forma, o texto quando disponível no meio digital possibilita a interação e geralmente há um embate ideológico entre as pessoas que comentam.

Além das crônicas que abordam temas polêmicos (questões políticas, desigualdade de gênero, união homoafetiva, aborto, entre outros), Madalosso também produz textos sobre o próprio ato da escrita. A autora revela que escrevia desde quando era criança, mesmo não tendo o apoio da comunidade em que cresceu. Entretanto, ela tinha receio de mostrar seus textos:

Fui criada numa colônia de descendentes de italianos, uma comunidade bastante machista e conservadora. Como ouvi certa vez de um parente próximo: *mulheres não devem ler livros, devem ler revistas. Ler não, folhear.* Se uma mulher não deve nem ler um livro, imagine escrever. Que disparate. E mesmo assim eu escrevia desde que me alfabetizei. Mas mostrar meus textos para alguém era outra história. Terminá-los era outra história. Porque em algum momento eu parava para ler o que estava no papel e pensava que tudo aquilo era uma bobagem, um avião de sulfite que só podia pleitear pouso em um destino: o lixo (Madalosso, 2020b).

Depois que se encorajou a publicar, descobriu que o processo literário é bastante lento, ao contrário das suas outras experiências profissionais. Sendo assim, ela considera “uma bênção que o tempo da literatura seja distinto”, pois assim consegue pesquisar, refletir, escrever e revisar sem a pressão dos prazos.

Quando comecei a publicar livros, descobri um novo relógio. Eu vinha do jornalismo e da publicidade, onde os textos eram para ontem, mensagens

¹⁰ Disponível em: <https://comentarios1.folha.uol.com.br/comentarios/6274996?skin=folhaonline>. Acesso em 13 jan. 2024

tinham respostas imediatas, emails eram enviados e respondidos nos finais de semana. O manuscrito da minha primeira publicação, *A teta racional*, demorou quatro meses para ser lido. Outros seis para ser publicado. Talvez nem seja tanto. Sei de originais que demoraram mais de um ano para ser lidos. Livros que demoraram mais de cinco para ser publicados. Emails de recusa que chegaram ainda depois disso (Madalosso, 2021a).

Na crônica “Fugir para escrever”, Giovana Madalosso inicia mencionando que parece haver um sonho comum a todo escritor: “isolar-se num lugar silencioso, muitas vezes em meio à natureza, para escrever sem interrupções, deambulando livre dentro da própria cabeça” (Madalosso, 2021b). Depois de se tornar mãe, isso se tornou quase impossível. Entretanto, em certa ocasião, sua filha foi passar alguns dias com o pai, e ela conseguiu essa liberdade. Essa passagem nos recorda as reflexões de Virginia Woolf no famoso texto *Um teto todo seu*, no qual afirma que “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (Woolf, 2014, p. 7). A estadia de Giovana em uma pousada foi produtiva, mas havia algo que a incomodava:

Estou produzindo como produzia antes de ter filha, enteados, companheiro, cachorra. Em poucos dias, delineei meu próximo romance, escrevi um conto, comecei um ensaio, estou escrevendo esta coluna. Mas há algo que não me permite voltar a ser quem fui. Se antes eu poderia ficar meses isolada, agora falta alguma coisa. Percebo que, do mesmo jeito que preciso de silêncio, hoje também preciso de latidos e brinquedos espalhados à minha volta. Em algum pedaço de papel solto pelo chalé, anoto: a escritora que ama nunca mais estará sozinha na sua solidão (Madalosso, 2021b).

Além da escrita, também há crônicas sobre a leitura. É o caso da coluna “A revolução dos clubes de leitura”, na qual Madalosso conta sobre um convite para participar da discussão de seu livro *Suíte Tóquio*. Tratava-se de um encontro entre mulheres de classe alta e bastante conservadoras. Giovana ficou feliz em saber que o livro estava ganhando um público diverso, mas também intrigada para saber como aquelas leitoras reagiriam aos principais temas do romance: “a exploração do trabalho doméstico, as fragilidades da monogamia, a bissexualidade e a ilusão de contentamento sustentada pelo êxito financeiro” (Madalosso, 2023f). Ela se surpreendeu com as reflexões suscitadas e alguns temas que geraram debates entre as participantes. Contudo, o encontro foi muito enriquecedor por propiciar diferentes pontos de vista:

Alguns dizem que o maior feito de um livro é transformar o próprio escritor. Nesse sentido, o meu teve êxito: ali sentada me dei conta do quanto fui preconceituosa subestimando algumas daquelas mulheres. Ainda melhor do

que isso foi relembrar o poder da literatura. Montada a partir de dramas subjetivos e, portanto, complexos demais para serem enquadrados em matrizes ideológicas, a narrativa de ficção consegue chegar onde outros tipos de textos não conseguem. Num mundo polarizado pela retroalimentação dos algoritmos, em que as pessoas só consomem perspectivas iguais às suas, a literatura surge, mais do que nunca, como água no deserto (Madalosso, 2023f).

Dessa forma, percebemos a importância dos textos produzidos por mulheres, que apresentam suas ideias, bem como o papel crucial da leitura e do debate de ideias a partir desses escritos para a análise de diversas visões de mundo.

Considerações finais

Como mencionamos anteriormente, a crônica “pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do zig-zague de uma aparente conversa fiada” (Candido, 1992, p. 20). Nesses textos, a autora toca em assuntos muito relevantes para a nossa sociedade. Com ousadia e coragem, Madalosso não se cala diante dos problemas sociais e incentiva outras pessoas a fazerem o mesmo.

Através da divulgação desses textos nos meios digitais, essas reflexões são disseminadas e fomentam debates sobre temas importantes no cenário atual. Além disso, a publicação em formato online possibilita a interação com os leitores. Dessa forma, os textos de autoria feminina ganham maior visibilidade e demonstram sua força ao tratar de temas sérios a partir de episódios simples do cotidiano.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. *In*: CANDIDO, A. **Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012. Edição Kindle.
- GARCIA, L. E. V. A crônica brasileira e a internet: o ontem e o hoje. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 38, p. 99-108, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/23890>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. A revolução dos clubes de leitura. **Folha de S.Paulo**. 2 jul. 2023f. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/giovana-maladosso/2023/07/a-revolucao-dos-clubes-de-leitura.shtml>. Acesso em 18 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. A terapeuta que virou manequim de loja. **Rascunho**. 14 out. 2020b. Disponível em: <https://rascunho.com.br/cronistas/cronista-do-dia/a-terapeuta-que-virou-manequim-de-loja/>. Acesso em 18 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. Amar e desamar uma cidade. **Rascunho**. 23 dez. 2020a. Disponível em: <https://rascunho.com.br/liberado/amar-e-desamar-uma-cidade/>. Acesso em 12 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. Eles na COP do clima, nós na COP do climão. **Folha de S.Paulo**. 3 dez. 2023d. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/giovana-maladosso/2023/12/eles-na-cop-do-clima-nos-na-cop-do-climao.shtml>. Acesso em 13 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. **Fugir para escrever**. Jornal Rascunho. 2021b. Disponível em: <https://rascunho.com.br/liberado/fugir-para-escrever/>. Acesso em 13 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. O tempo da literatura. **Rascunho**, 6 jan. 2021a. Disponível em: <https://rascunho.com.br/liberado/o-tempo-da-literatura/>. Acesso em 18 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. Os poetas de banheiro não podem morrer. **Folha de S.Paulo**, 9 jul. 2023c. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/giovana-maladosso/2023/07/os-poetas-de-banheiro-nao-podem-morrer.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. Quem ganha com a detenção de Greta? **Folha de S.Paulo**, 5 nov. 2023e. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/giovana-maladosso/2023/11/quem-ganha-com-a-detencao-de-greta.shtml>. Acesso em 13 jan. 2024.
- MADALOSSO, G. Sejamos todos vagabundas. **Folha de S.Paulo**, 2 abr. 2023b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/giovana-maladosso/2023/04/sejamos-todos-vagabundas.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MADALOSSO, G. Vem aí: Centenas de escritoras autografando juntas. **Folha de S.Paulo**, 4 jun. 2023a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/giovana-maladosso/2023/06/vem-ai-centenas-de-escritoras-autografando-juntas.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SIEBERT, S. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/8vV4KftbQvYdYgqFw6dGf3N/?format=pdf>. Acesso em 18 jan. 2024.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Não.
 - Financiamento:** Não houve.
 - Conflitos de interesse:** Não houve.
 - Aprovação ética:** Não.
 - Disponibilidade de dados e material:** Não.
 - Contribuições dos autores:** As autoras são responsáveis pela criação do artigo.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

